SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVIII
JANEIRO
DE 1972
N.º 321

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

27.º Aniversário

«Sempre Pronto» completou mais um ano de publicação. Ocioso seria repetir o que sempre se tem dito acerca das dificuldades que tem sido preciso vencer para manter ininterrupta a saída do nosso jornal. Graças, porém, ao apoio de muitos amigos e assinantes, entramos no 28.º ano de publicação, podendo olhar para trás e sentir satisfação pelo trabalho realizado. «Sempre Pronto» tem mantido uma orientação segura de apoio e divulgação dos ideais escoteiros.

Sentimos, no entanto, certa preocupação quanto ao futuro. Não tanto pelas dificuldades de ordem financeira, pois sabemos que podemos esperar o apoio dos nossos assinantes, mas pelo trabalho literário e administração do jornal. Temos feito aqui constantes apelos à juventude escoteira para que coopere neste trabalho de tanto interesse para o Escotismo, mas temos de reconhecer que os resultados obtidos não são lisonjeiros. Chegará o momento dos dirigentes deste mensário terem de ser rendidos — convém mesmo que sejam rendidos — e não aparecem entusiastas para ocupar o seu posto. Novamente lançamos apelo para novos colaboradores.

Cabe aqui uma palavra de gratidão para aqueles que, apesar de tantas dificuldades, continuam a dedicar a esta obra tanto carinho, lembrando entre estes os nossos colaboradores, a quem endereçamos o nosso «muito obrigado».

A Equipa de Administração vem também realizando um simpático esforço para organizar os respectivos serviços, que se tinham atrasado demasiadamente. Tem sido um trabalho árduo, mas felizmente com êxito. Os nossos assinantes têm sido de uma simpatia invulgar, relevando-nos lapsos e atrasos e, de uma maneira geral, liquidando com uma regularidade louvável os recibos que lhe têm sido apresentados.

Continua na pág. 2

EUROPEAN FRIENDSHIP YEAR 72

ANNÉE EUROPÉENNE DE L'AMITIÉ 72

1972 ANO EUROPEU DA AMIZADE

Por JOEL RIBEIRO

Os últimos anos de Baden-Powell foram caracterizados por uma acção intensa, a qual, na maior parte das vezes, violava os limites das suas então já depauperadas forças. Consistia essa actividade em consecutivas viagens, nesses tempos necessàriamente morosas, aos diversos continentes, para visitar reuniões escotistas de carácter internacional, às quais, com a sua presença, imprimia uma acção mais vigorosa, isto com o fito de que mais proveitosos fossem os resultados delas retirados.

E. E. Reynolds, um dos biógrafos de B.-P., refere que *ele sentia, cada vez mais, a necessidade de agir. As suas mensagens insistiam constantemente na necessidade de uma maior compreensão entre as nações. Cada jambori marcava, para ele, um passo adiante no caminho da boa vontade.*

Verifica-se, assim, que o Fundador tinha a percepção de que um monstro terrível ia, a pouco e pouco, tomando maior vulto e tornando-se mais ameaçador para a Humanidade e, em especial, para a juventude que tanto amava e com quem mantivera tão estreitos e agradáveis contactos durante toda a sua carreira. Esse vulto fantasmagórico era a guerra, que os sucessos internacionais dia a dia mostravam cada vez mais irremediável.

Nesses já recuados tempos da década de 30, B.-P. tinha fortemente arreigada a esperança de que os contactos entre os jovens de diferentes países seriam um processo eficiente de estabelecer laços de amizade que, alfim, frutificariam num melhor ambiente de compreensão entre os vários povos e viriam a funcionar como um elemento de clara positividade na resolução dos diferendos entre as nações.

Todavia, como sabemos, essa intensa actividade do Fundador não foi suficiente para evitar a maior hecatombe que, ao longo da História, afligiu a Humanidade. Para B.-P., a Guerra Mundial, se bem que não fosse pròpriamente uma surpresa, constituiu um doloroso e profundo golpe.

O exame da conjuntura dos factos que precipitaram a grande tragédia, mostra que B.-P laborava em equívoco quando pretendia que os encontros da juventude tivessem capacidade para produzir o desejável ambiente de cordialidade entre as nações. A catástrofe de 1939/45, com todos os seus horrores e ignomínia, não quererá dizer que a acção-pensamento de B.-P. não revelava senão uma ingenuidade pungente? E os acontecimentos que, desde então, ficaram registados nos anais da História dos tempos modernos não serão um cruel desmentido da eficácia dos propósitos pacifistas do Fundador?

Estas dúvidas são pertinentes e merecem alguns momentos de ponderação.

É certo que os homens de boa vontade têm fartos motivos de contrariedade quando olham o tom pouco cordato como se processam as relações internacionais e quando analisam a degradação da maior parte dos esforços para solucionar as questões entre as diversas partes.

Pois bem. Quando os acontecimentos mundiais querem demonstrar que estão definitivamente arrumadas aquelas ideias de B.-P., eis que, em 1968, em Berna, representantes dos escoteiros de quase todos os países da Europa, o continente que suportou, em elevada percentagem, o brutal impacto do último conflito mundial, esses representantes fizeram ressuscitar, pura e simplesmente, a velha ideia powelliana e proclamaram convictamente que 1972 será o Ano Europeu da Amizade! E mais; os objectivos deste Ano Europeu tenderão a facilitar os contactos escotistas e guidistas neste continente e a fomentar o entendimento e troca de visitas entre escoteiros e guias, tudo isto com o fim de contribuir para o estabelecimento da unidade europeia.

Continua na pág. II

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

O XIV JAMBORI NO AR

Mais relatórios da actividade dos escoteiros portugueses

Continuamos a publicar mais resumos da actividade desenvolvida pelos nossos grupos de escoteiros, com o sentido de dar a conhecer aos nossos leitores quanto foi valiosa a participação dos portugueses neste Jota.

Eis os referidos resumos :

Grupos 44 e 91 — Vila Nova de Gaia

Estes grupos nortenhos estiveram no ar a bordo do posto CT1ZL, do radiamador sr. Luís Domingos M. Salgueiro.

Foram obtidos os seguintes contactos: Brasil (4), EUA, Inglaterra, Libéria e República Federal da Alemanha, no que diz respeito ao estrangeiro.

Com postos portugueses: Grupo 39 em Benguela; Grupo 24 no Funchal; Grupos 8 e 23 em Lisboa; Agrup. de Luso (Angola); Agrup. 5, Sagrada Família, Cristo Rei e Pat. Andorinha em Luanda; Agrup. 156 em Nova Lisboa; e Grupos 4, 15 e 17 e Agrup. 275 no Porto (2 cont.).

Agrupamento 107 (CNE) — Ponta Delgada

Este agrupamento obteve um número interessante de contactos, revelador de trabalho meritório. Para isso, utilizou o emissor CT2AK do Sr. João Manuel Raposo.

Contactos feitos: Austrália, Brasil (7); Canadá, Curaçau, Dinamarca, EUA, Finlândia, Grécia, Holanda, Inglaterra (6); Itália, Japão, Noruega, República Federal da Alemanha e Suiça, na parte concernente ao estrangeiro.

Com postos portugueses: Grupo 52, em Angra do Heroísmo; Grupos 6 e 77 em Faro; Agrup. 156 em Nova Lisboa; Grupos 4, 15 e 17 no Porto; e Agrup. 8 em Setúbal.

Foi transmitida a seguinte mensagem: «*Juventude unida para um mundo melhor*».

Agrupamento 271 (CNE) — Malange

Este agrupamento angolano alcançou um notável número de contactos com o Brasil—25. Com outros países, os resultados não foram tão brilhantes, o que foi pena.

Eis esses resultados: com o estrangeiro: Brasil (25 cont.), Rodésia (3 cont.) e Uruguai.

Com postos portugueses: Grupos 39 e 40 em Benguela (3 cont.); Agrupamento 119 em Coruche; Agrup. 178 em Lourenço Marques; Agrup. 196 e comp.ª 1 em Quelimane (2 cont.); e Agrup. 6 e clã Informações em Vila Salazar (2 cont.).

Os escutas deste agrupamento estiveram *a bordo* do posto CR6LX.

Arquitecto José Francisco de Melo Raposo

Por motivo de terminar em breve as suas funções de primeiro responsável pela direcção da Mocidade Portuguesa, em virtude da recente reestruturação deste organismo, teve a gentileza de nos apresentar cumprimentos o Comissário Nacional Adjunto, em exercício, sr. Arquitecto José Francisco de Melo Raposo. Agradecemos a atenção e retribuímos os cumprimentos.

27.º Aniversário

Continuação da pág. 1

Só com Assinantes tão dedicados é possível manter um jornal com as características de «Sempre Pronto».

Campanha de Assinaturas

Pusemos a maior esperança na campanha de assinaturas que lançámos. Mais duzentos assinantes! Foi um objectivo limitado, mas que nos permitirá, uma vez alcançado, dar nova forma ao jornal. Estamos ainda distantes do alvo, mas estamos convencidos de que o atingiremos. Esperamos que os Grupos de Escoteiros nos vão ajudar na Campanha e pedimos a todos os nossos Leitores para que nos ajudem. Os resultados seriam afinal em benefício daqueles que têm interesse na leitura de «Sempre Pronto».

Vamos prosseguir mais um ano e os nossos votos são que todos os nossos Leitores cheguem connosco ao fim de mais uma etapa com a maior satisfação por um ano de Paz e felicidade.

Cumprimentos ao «Sempre Pronto»

Tiveram a gentileza de endereçar boas-festas a «S. P.» e formular simpáticos votos para o Ano Novo, os seguintes nossos estimados Amigos e Leitores :

Senhores António Emílio de Carvalho Barbosa, Arnaldo Pinto, do Porto; E. C. Rev. Padre Américo Ferreira Alves, de Braga; Luís Alves Miguel, da Costa da Caparica; António E. Amêndoa, de Alhandra; Fernando Soares Gomes, de Alcácer do Sal; E. C. António Pestana, do Funchal; Júlio de Almeida Nogueira, em Madrid; António Augusto da Silva e Cunha, de Pereira d'Eça; José D. Camacho, de Moçâmedes; António de Jesus Brito, de Luanda; Luís Filipe Gomes, algures em Angola; D. Ana Soares Leitão, de Lourenço Marques; Gonçalves Rodrigues, Chefe Geral para a Expansão, do C. N. E., Prof. Leopoldino da Rocha Tavares, de Angra do Heroísmo.

Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, Companhia de Guias «Rainha de Santa Isabel», do Porto; Círculo de Antigos Nadadores, Grupo de Escoteiros Ismailitas de Lourenço Marques.

Grupos de Escoteiros de Portugal n.os 2, 7, 8, 94 de Lisboa; 17, do Porto; 22, do Cacém; 60, de Vila Real de Santo António; 77, de Faro; 52, de Angra do Heroísmo; 39, de Benguela; do Dondo, Moçambique.

Fomos também visitados pelos nossos dedicados Amigos srs. António Francisco Xavier de Brito e Justino Estêvão da Silva, que nos apresentaram cumprimentos e formularam amáveis votos.

Todos os que trabalham em «S. P.» agradecem reconhecidos e retribuem os votos formulados.

Já colaborou na campanha de assinaturas?

Uma festa, um encontro, uma mensagem

Natal, a festa da família, por excelência. Da família cristã bem vinda pelos laços indestrutíveis do espírito e da Graça de Cristo. De toda a família humana que, ao longo da peregrinação terrena, animada da melhor boa vontade, procura febrilmente a paz, a verdade, a justiça, a liberdade, o bom entendimento, a felicidade possível neste mundo.

É efectivamente nesta noite venturosa de tão gratas e misteriosas recordações, que a família se encontra mais próxima e mais unida. E quando, por qualquer circunstância, não podemos marcar presença corporal no agregado familiar, o nosso espírito voa veloz, deixando-nos envolvidos em nostálgica saudade.

Natal é também um encontro. Deus, no seu infinito amor, vem ao encontro do homem, prostrado sob o peso esmagador do pecado, do sofrimento e da morte para o erguer do abatimento, para o restaurar à sua autêntica dignidade e para lhe dar novamente a possibilidade de se tornar filho de Deus». É o mistério insondável do infinito, contido no finito, do absoluto manifestado no relativo; o mistério de Deus que, por desígnio de amor, assume a natureza humana na sua pobreza e humildade, com todas as suas vicissitudes para a regenerar, fazendo com ela uma aliança eterna de amizade, libertando-a do domínio das trevas e escuridão do pecado para a luz fulgente da graça e liberdade dos «Filhos do Bem».

Deus, que em Cristo se fez homem, ergue a sua tenda no seio da humanidade; habitou como irmão no meio dos homens com uma missão bem específica: a de salvador e de libertador.

Natal, Deus feito membro, o «Emanuel», o Deus connosco, que continua a presidir ao destino de redenção dos homens, presente na sua Igreja.

Apesar de tão afastado, o nascimento desse menino que tentou melhorar o coração dos homens com a luz da verdade, ainda hoje, nesta conturbada época de ódios e paixões violentas, o mundo evoca essa data e o seu significado com respeito !

Natal é também uma mensagem para mim, para ti, para cada homem de boa vontade. Jesus Cristo nasceu, viveu e morreu... Apesar da Sua breve passagem pela terra, os seus actos e a Sua palavra continuam a gritar aos homens o erro da sua vida pecaminosa, de egoísmo de mentira, de ambição, de vingança, de opressão, de injustiça, de ódio, de revolta, de guerra e a convidá-los à verdade, ao espírito de desprendimento e de serviço, à prática da justiça nas nossas relações, ao amor, à coexistência pacífica.

LUÍS F. SANTOS GOMES

Angola, Natal de 1972

DO FUNCHAL

GRUPO N.º 24

Depois de ter cumprido os seus deveres militares na província da Guiné, regressou já ao Funchal o nosso estimado assinante sr. Alberto Franco Castro, escoteiro-chefe de Clã do Grupo n.º 24, daquela cidade.

Aquele nosso camarada, enquanto esteve na Guiné, como militar e como escoteiro, prestou serviço num posto Escolar Militar.

DE ANGOLA

GRUPO N.º 36 — LUANDA

Foi publicado mais um número do «PENACHINHO», o 4, de Dezembro, boletim copiografado, órgão e propriedade do «36» de Luanda.

«O Penachinho» insere noticiário, contos e anedotas, artigos sobre Escotismo e até histórias ilustradas. Parabéns aos rapazes do «36».



2.º Grupo — FESTA DO NATAL

No dia 28 de Dezembro p. p., o 2.º Grupo promoveu, na sua sede, a «Festa do Natal», a qual foi antecedida pela «Prática da Boa Acção Colectiva».

Através desta iniciativa, o 2 contemplou elevado número de pessoas pobres da área, seleccionadas depois de inquérito feito às pessoas que, para o efeito, se inscreveram, com sacos com roupas, calçado, géneros de mercearia (e azeite oferecido por um amigo do Grupo) e sobrescritos-mistérios contendo donativos pecuniários. A um numeroso grupo de crianças foram oferecidos ainda brinquedos.

A esta buliçosa festividade, assistiram diversas individualidades, entre as quais os srs. Eurico Mendes, presidente da Junta de Freguesia da Ajuda, Carlos Paiva Abrantes, presidente da Junta de Freguesia de Carnide, e Fernando Ayala e Costa, presidente da Comissão da A. N. P. da freguesia da Ajuda, entidades que a esta iniciativa têm dado valioso apoio.

Encontravam-se presentes, além do director adjunto deste jornal, outros dirigentes escotistas, como os E. C. José Relvas Pereira, Wolfgang Karl, do Grupo 16, Xavier de Brito, da FAEP, e deputações dos Grupos 16 e 20. Mais tarde, também se registou a visita do presidente da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros e antigo escoteiro-chefe do 2.º Grupo sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos que estava acompanhado de sua esposa.

A seguir realizou-se uma cerimónia escotista, para a celebração de vários actos escotistas.

Em primeiro lugar, os aspirantes Ludgero da Conceição Ricardo Estêvão, José Duarte Mendes e José Domingos Garcia Lopes prestaram o compromisso de de honra, perante o chefe do Grupo E. C. João Madeira Leitão.

Como é norma entre escoteiros, o 2 aproveitou a oportunidade para agradecer pùblicamente a colaboração que lhe vem sendo oferecida por alguns elementos, que muito contribuíram para o bom momento que o Grupo atravessa. Entre eles, sobressai a Sr.ª D. Júlia Soares, uma dedicação ímpar que, com verdadeiro entusiasmo, tem colocado ao serviço do 2 muitas das horas que poderiam ser de lazer. Aquela unidade escotista distinguiu-a com a classe ouro da medalha de Dedicação e Bons Serviços. A classe prata da mesma medalha foi atribuída aos escoteiros chefes ajundante Armando Soares, Félix Bragança, Pedro Madeira Leitão e chefe administrativo Vítor Ferreira.

Outros momentos altos da cerimónia foi a entrega da insígnia de Lobito Alerta a dois elementos da alcateia do grupo: os lobitos Fernando Paulo Nobre e João Paulo Casimiro Farinha e da insígnia de Escoteiro da Pátria aos escoteiros Vítor Monteiro Brado e Pedro Madeira Leitão, tendo recebido a insígnia em nome deste último, que está ausente em África em serviço militar, sua irmã, Ester Madeira Leitão.

Ainda dentro do mesmo acto, os lobitos Fernando Duarte Mendes e Luís Filipe Nogueira receberam respectivamente a 1.ª e a 2.ª estrelas e aos escoteiros Manuel Duarte Mendes, António Marques Martins e Luís Aires Castro Martins foi entregue a 2.ª classe, e aos escoteiros José D. G. Lopes e Ludgero Ricardo Estêvão, por terem prestado, com aproveitamento, as respectivas provas a que foram submetidos.

O chefe Madeira Leitão agradeceu a presença das pessoas que ali se deslocaram e fez breves referências à história do Grupo. Lembrou que as Festas do Natal são já tradição do Grupo, à primeira das quais assistiu o saudoso chefe escoteiro Comandante Melo Machado.

Usaram também da palavra os presidentes das Juntas da Ajuda e de Carnide e uma senhora membro do corpo docente do Instituto de Jacob Rodrigues.

Por último, falou o nosso companheiro Dr. Eugénio Henrique Ramos, que dirigiu palavras de profundo significado escotista a todos os escoteiros que ali se encontravam, bem como a todos os restantes presentes. Terminou, fazendo votos por que o 2 possa continuar na senda do progresso.

A agradável reunião, foi encerrada com a oferta de um beberete a todos os presentes, o qual decorreu no meio da maior animação e num ambiente de confraternização escotista.

Grupo N.º 8

Esta activa unidade continua a desenvolver uma intensa acção. Na última ordem de serviço de 1971 foram admitidos 23 aspirantes e foi registada a promessa de 25 lobitos, escoteiros e caminheiros que pertencem às secções das Galinheiras, Ameixoeira e à sede.

Entretanto, por razões várias, foram demitidos 12 e transferidos 2 escoteiros.

Durante o último trimestre, o Grupo realizou diversas actividades de campo. Durante o acampamento realizado no Cacém, em 30 e 31 de Outubro, onze escoteiros colaboraram no policiamento do «rallye» promovido pelos Bombeiros locais.

A secção das Galinheiras esteve presente na cerimónia de inauguração da carreira de autocarros para aquele Bairro.

No Ano Europeu da Amizade pelo Escotismo

A FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL VAI A LONDRES NUM AVIÃO ESPECIAL

É já na sexta-feira, dia 3 de Março próximo, que uma representação da Fraternal parte para Londres, em avião especial, numa homenagem à memória de Baden-Powell e visita de fraternidade aos antigos escoteiros britânicos.

A caravana é constituída por 103 pessoas, entre antigos escoteiros e pessoas de suas famílias. A partida do aeroporto de Lisboa será às 13 horas daquele dia. A Fraternal seleccionou entre os Escoteiros de Portugal de todo o país um escoteiro para participar nesta excursão, a quem ofereceu a viagem. Os dirigentes dos diversos grupos candidataram um elemento de 13 a 16 anos, com boas qualificações escoteiras e intelectuais, tendo-se distinguido o escoteiro José Vítor dos Reis Carolino, do Grupo n.º 94, de Lisboa, o antigo lobito alerta a que «S. P.» se referiu em tempo.

A representação dos Antigos Escoteiros será presidida pelo nosso camarada Sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos, presidente da Direcção da Fraternal.

O programa em Londres inclui, na tarde de sábado, uma visita à Abadia de Westminster, onde será prestada homenagem ao Fundador do Escotismo, Lorde Baden-Powell, junto à lápida que ali existe em sua memória e que se encontra logo à entrada, à direita da porta principal.

No Domingo, será feita uma excursão em autocarro para visita aos locais de mais interesse da capital britânica. À tarde, haverá uma visita à Casa de Baden-Powell, com almoço volante e confraternização com antigos escoteiros britânicos. À noite, haverá entretenimentos no tradicional restaurante Flanagan, esperando-se a presença do nosso camarada Daniel Correia e sua esposa, residentes em Londres.

Antigos escoteiros de Hastings

O nosso colaborador Eugénio Ribeiro Nunes sugeriu nas colunas de «S. P.» que fosse feita uma visita aos antigos escoteiros da cidade de Hastings que, na Primavera de 1913, visitaram os Escoteiros de Portugal. Essa visita não seria possível, porque o tempo disponível não a permitiria, mas a Comissão Promotora da Viagem procurou encontrar sobreviventes desse acontecimento de há quase 60 anos. Os Antigos Escoteiros Britânicos gostosamente colaboraram nesta iniciativa, tendo o diário «Hastings Observer» publicado uma carta a este propósito. E acontece que foi possível encontrar naquela mesma cidade três antigos escoteiros desse tempo. Dois que estiveram em Lisboa e um que participou no funeral dos marinheiros portugueses vítimas do afundamento do seu barco nas costas de Inglaterra. Procura-se agora que um dos antigos escoteiros esteja presente no almoco de confraternização em Londres. Trata-se do sr. Mac Dougall. O outro, o sr. H. Clout, não poderá comparecer porque se encontra doente e inválido.

«Sempre Pronto» estará em Londres, representado pelo seu Director-Adjunto e pelo seu Adminisrador. O regresso a Lisboa será na segunda-feira, cerca das 13 horas.

27.º aniversário de «Sempre Pronto»

Por motivo da passagem de mais um aniversário de «Sempre Pronto», o nosso dedicado Delegado nos Açores, o E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, enviou-nos o seguinte telegrama:

Parabéns por mais um aniversário do nosso «Sempre Pronto» com votos de saúde e felicidades para quantos trabalham nesse denodado paladino do movimento escotista.

a) Jacinto dos Reis Moniz Silva

Agradecemos as palavras amigas de Moniz Silva e endereçamos-lhe também os parabéns pela parte que lhe cabe no êxito deste mensário.

Também a Sr.ª D. Jesuína Aurélio, grande amiga deste mensário, nos enviou felicitações pelo aniversário, que muito agradecemos.

Do sr. dr. António Vítor Guerra, digno director da Biblioteca Pública Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz, recebemos amável ofício em que nos apresenta cumprimentos pelo aniversário de «S. P.».



PAGINA DO ESCOTEIRO

Os nós são úteis?



Hoje encontro-me com veia para provérbios. Não acontece isto todos os dias mas hoje deu-me para aqui...

Quando falo com a rapaziada, costumo, por vezes, usar uns provèrbiozinhos que vêm mesmo a calhar. Se não uso provérbios. então tenho exemplos de sobejo (já adquiri alguma experiência...) para ilustrar qualquer caso bicudo que me apresentem.

Vem esta conversa a *talhe de foice* por um escoteiro me observar porque perdíamos nós o tempo a ensinar nòzinhos e mais coisas ultrapassadas.

Respondi-lhe então: «*Vale mais prevenir que remediar*». O moço não aceitou com bons olhos o sentido deste velho ditado e, vamos lá, teria razão para isso se não lhe explicasse o motivo por que os escoteiros perdem (?) tempo com essas ninharias.

Creio que muitos dos meus amigos pensam da mesma maneira que o Miguel, o tal rapaz de que já falei, mas eu digo-lhes que o «*saber não ocupa lugar*».

Não quero, porém, maçar com a conversa ou «*atirar com poeira para os olhos*». Portanto, vamos a casos concretos.

O escoteiro é um rapaz que deve estar preparado para prestar a sua colaboração no momento oportuno e, se o não estiver, nunca será um Escoteiro.

— Mas os nós...

Lá vêm vocês outra vez! Deixem-me concluir: vamos imaginar várias situações em que poderão ser chamados a prestar serviço:

1 — Incêndio numa casa

Com o teu espírito de abnegação, foste ajudar os bombeiros e estás sòzinho com um deles que te pediu ajuda para fazer descer uma pessoa desmaiada através de uma janela. Pediu-te simplesmente para fazeres na espia o *lais de guia duplo* enquanto ele atacava o fogo. De que te serviria o heroísmo de te meteres nas chamas se não sabias fazer uma coisa tão simples?

Pensaria o bombeiro: «*Casa de ferreiro espeto de pau*»... (não te esqueças que as pessoas relacionam os nós com os escoteiros) (1).

2 — Pendurado na ponta de uma espia

Foste fazer uma espécie de alpinismo com vários amigos. Um. sabendo que eras escoteiro, levou uma espia e atou-a no alto de uma vertente, pedindo-te para fazeres uma demonstração de como se trepa agarrado a uma espia.

Lá foste confiante, mas, a meio do caminho, as forças foram faltando e claro... valeu-te um valente trambolhão da ordem.

«*Vale mais prevenir do que remediar*» e se soubesses *o Lais de guia simples* tudo se teria resolvido.

3 — Às aranhas, num acampamento

A maldição caiu sobre a tua patrulha quando a tenda por solavancos do barco e descuido de quem a transportava, caiu nas profundezas do rio.

Sobraram espias e panos de tenda e vocês tentaram fazer um abrigo para passar a noite. Limpinho! Dormiste ao relento porque não sabias fazer os nós *volta de anete*, *direito* e *volta da ribeira*.

* * *

Acho que basta de exemplos, mas chamo a tua atenção para aquele caso que B-P. relata no «Escotismo para Rapazes», em que uma família de cinco pessoas pereceu à vista de centenas de «mirones», num rio quase gelado do Canadá, porque apenas lhes atiraram simples cordas sem quaisquer laços por onde se enfiassem. «Se estivesse ali um escoteiro aquilo não aconteceria» — comenta B-P.

Bom, espero que não te aconteça teres de presenciar algo semelhante, mas. «*como homem prevenido vale por dois*», aqui te deixo a indicação de como se fazem os nós *de salvação*, *volta de anete (âncora)*, *direito* e *volta de fiel*. E não te esqueças que:

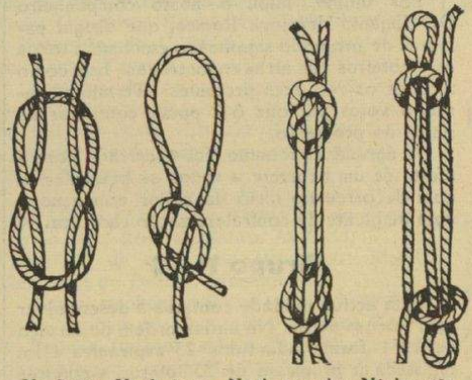
Um nó para ser considerado bom, deve oferecer três condições:

1.ª — De simples e rápida execução;

2.ª — Apertar à medida que aumentar o esforço exercido sobre ele;

3.ª — Facilidade em ser desatado.

Nó direito — É o nó vulgarmente usado para ligar duas espias do mesmo diâmetro. É muito aplicado nas ataduras e sempre na adriça da bandeira. Não corre e é fácil de desmanchar.

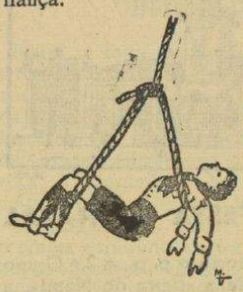


Nó direito. Nó de correr. Nó de pescador. Nó de catão.

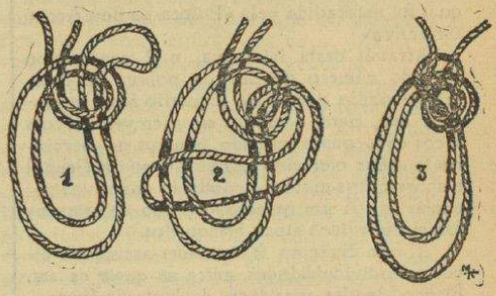
Nó de pescador — Usado para ligar duas espias de diâmetros diferentes ou então muito finas. É o nó que os pescadores usam para emendar as suas linhas. Forte, não corre e é fácil de desatar.

Nó de correr — Serve para levantar pesos, prender a extremidade de uma espia, etc. Aperta quando se puxa por ele; por isso não deve ser empregado em laços, nem para descer e subir precipícios ou levantar feridos.

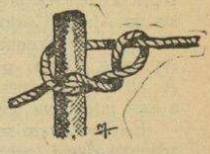
Nó de catão — Usa-se para encurtar uma espia ou para reforçá-la, evitando o esforço sobre uma parte puída que não inspire confiança.



Salvação dobrado (ou lais de guia dobrado) — Permite que a pessoa seja suspensa pelas pernas e pelos braços de maneira a ficar quase deitada. (Vide gravura seguinte, com três diferentes fases da sua execução).



Volta da ribeira ou nó de pedreiro — Usa-se para ligar uma espia a um pau, coluna ou árvore e também para fechar a boca de um saco.



Volta de anele ou nó de âncora — Serve para ligar uma corda a uma argola.



— E o tal nó do precipício?

— Já esperava por essa. É um pouco mais difícil e sobre ele conversaremos no próximo número.

A. I.

Para ti, irmão escoteiro



Estamos em pleno Inverno. Em Lisboa, o tempo, mais ou menos bonito, ainda permite uma fugida ao campo. No Norte, o frio e a neve fazem apetecer o calor bendito duma lareira.

Inverno é tempo próprio para nos treinarmos com vista às grandes e apetecíveis actividades do Verão.

É necessário não olharmos apenas as chamas luminosas e acolhedoras que a lareira nos transmite, mas também apanharmos a lenha boa e suficiente para nos permitir tal prazer.

Ao contrário da fábula da cigarra e da formiga, devemos, no caso escoteiro, juntar conhecimentos no Inverno, para que o nosso «celeiro» esteja repleto no início da Primavera.

E que poderemos recolher para o «celeiro»? Abundam na aptidão escotista dezenas de especialidades, existem as provas de classe. A propósito: o teu braço já ostenta a insígnia da 2.ª classe?

Já? Óptimo! Nesse caso, vamos arrancar para a 1.ª.

Como vês, há sempre que fazer. Disse-te que o Inverno é tempo de meditação. Enquanto olhas as chamas da lareira ou ouves no teu quarto o bater da chuva, recorda a tua Promessa e a Lei que prometeste cumprir.

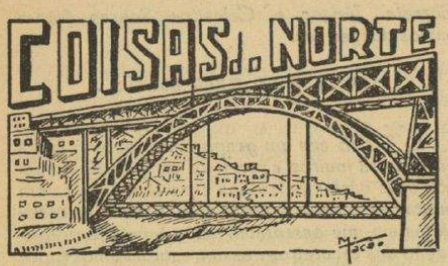
Para fortalecer o teu espírito escotista, lembro-te, mais uma vez, que leias alguns capítulos do Escotismo para Rapazes *Não esqueças de que B.-P. traz sempre algo de novo para ti.*

Recebe um abraço do amigo.

PATA DE LOBO

Continua na pág. 9

(1) N. da R. — A propósito de nós, será interessante ler a entrevista com o Antigo Escoteiro, ilustre general Eng.º Jorge Oom, que neste número publicamos.



Actividades do Núcleo do Porto

Este Núcleo tem levado a efeito diversas actividades, que têm despertado grande interesse.

Assim, no dia 10 de Junho, os seus Grupos tomaram porte nas comemorações do «Dia da Raça» que se realizaram no Castelo do Queijo, no Porto.

No dia 10 do mês de Julho, realizou-se um acampamento deste Núcleo na Quinta da Caverneira, em Corim, Águas Santas, Maia. Houve provas de pioneirismo e primeiros-socorros, sob a direcção do chefe do Núcleo, sr. Rev. Vidal dos Santos, auxiliado pelos chefes dos grupos presentes.

No mesmo local, houve em 10 de Outubro um bivaque, tendo-se realizado provas de pioneirismo e de tiro ao alvo.

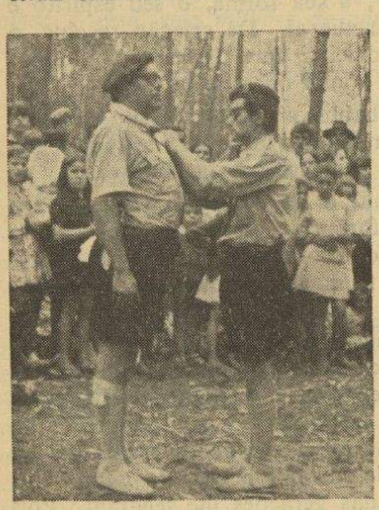
No dia 1 de Novembro, efectuou-se o «Magusto» que reuniu os escoteiros e suas famílias, sempre no meio do maior entusiasmo e camaradagem escotistas.

No dia 21 também de Novembro, realizou-se uma visita de estudo ao Museu de Soares dos Reis. Os escoteiros, que mostraram grande interesse por tudo o que ali lhes foi dado ver, apresentaram depois os relatórios sobre esta actividade.

Aniversários de unidades escotistas

O Grupo 17 comemorou em 18 e 19 de Setembro o 10.º aniversário, com um programa de que fazia parte um acampamento em Paços de Ferreira, para todo o grupo, familiares e sócios auxiliares. Ali estiveram também presentes os nossos camaradas do 275.º Agrupamento do CNE, chefiados pelo seu dirigente sr. Bernardino, os quais foram convidados de honra.

À noite, houve fogo do conselho, com canções e actos de variedades. Durante o dia, houve diversos exercícios e uma cerimónia em que foram conferidas as medalhas de «Dedicação e Bons Serviços» de cobre ao nosso correspondente no Norte, E. C. Horácio José de Paiva, chefe ajudante do grupo em festa, e «Assiduidade» de prata ao escoteiro António Olimpio de Castro Teixeira. Foram impostos cordões de mérito ao guia de secção Jerónimo Aníbal e ao chefe de equipa António Mesquita. Assistiu numeroso público.



O nosso correspondente E. C. Horácio de Paiva recebe a condecoração com que foi distinguido

Também o 275.º Agrupamento do CNE comemorou o seu aniversário — o 5.º — com um acampamento em 20 de Junho. O Grupo 17 teve a honra de ser convidado para esta actividade, tendo a sua patrulha Andorinha tomado parte num grande jogo escotista, onde estiveram presentes igualmente vários grupos da Associação irmã. A patrulha Andorinha alcançou o 2.º lugar.

Outro agrupamento em festa foi o 300.º do CNE, pela passagem do seu 2.º aniversário. O evento foi celebrado com um grandioso acampamento, em 25 e 26 de Setembro, em Pêro Negro (S. Roque da Lameira). Estiveram presentes, além do Agrupamento aniversariante, os Agrupamentos 13.º, 26.º e 67.º do CNE e o Grupo 17 da AEP.

À noite, houve fogo de conselho. No domingo, de manhã foi celebrada missa campal pelo chefe assistente Rev. P.e João Alves Dias, seguindo-se o hasteamento das bandeiras dos Grupos.

Após o almoço de confraternização, efectuou-se um grande jogo escotista entre todas as patulhas presentes.

No dia 3 de Outubro, realizou-se a tarde velocipédica escotista, para lobitos e escoteiros, que despertou a maior animação.

Em 6 de Dezembro, as comemorações foram encerradas com uma sessão solene no Cine-Teatro Vitória, em Rio Tinto, de cujo programa faziam parte variedades com artistas da Rádio e da Televisão, onde actuaram Manuel Freire. José Azevedo, Conjunto Sol-Dourado e outros. Houve depois a entrega dos prémios do grande jogo escotista e da tarde velocipédica.

Ainda outro Agrupamento do CNE, o 9.º, esteve em festa por ter passado o 40.º aniversário. As comemorações começaram em 27 de Março e encerraram-se em igual dia de Novembro.

Do programa, constava a passagem de filmes escotistas, magusto para escutas, famílias e sócios auxiliares, distribuição de galhardetes do Agrupamento alusivos ao 40.º aniversário.

A sessão do encerramento das comemorações foi presidida pelo chefe regional do Porto do CNE, sr. Dr. Meira Ramos, que estava ladeado pelo E. C. José Monteiro e pelo sr. Josué Cardoso, respectivamente chefe e secretário do Agrupamento em festa.

Como convidados de honra, estiveram presentes delegações dos Agrupamentos 275.º e 300.º do CNE e do Grupo 17 da AEP.

Novas secções

O Grupo 17 vai criar secções no Lar Evangélico do Porto e em Ermesinde.

Visitas

O E. C. Horácio José Paiva, chefe adjunto do Grupo 17 e nosso correspondente no Norte, visitou os Grupos 2, 8, 16, 19 e 77 da AEP e os Agrupamentos Santa Joana, de Aveiro, e de Moura, ambos do CNE. — C.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

A SECRETARIA MUNDIAL DO ESCOTISMO ESCOLHEU UM DESENHO DE SÉRGIO LUÍS BRANCO ROQUE PARA O CARTÃO DO JOTA DE 1972.

Comunica-nos o Organizador Nacional, o E. C. Justino Estêvão da Silva que o Director da Administração da Secretaria Mundial do Escotismo, sr. L. F. Jarrett, o informou que foi escolhido um desenho do escoteiro Sérgio Luís Roque, do Grupo 36, de Luanda, desenho que mostra um nativo africano tocando um tambor.

O concurso destes desenhos (para o cartão de participante no JOTA-72) teve a seguinte classificação, dada pelo júri constituído pelo Organizador Nacional e por representantes da AEP, CNE e jornal «Sempre Pronto»:

1.º — Sérgio Luís Branco Roque;

2.º — Shiraz Aly Saccor, do Agrupamento de Escoteiros Portugueses da Comunidade Ismaília de S. A. Aga Khan, de Lourenço Marques);

3.º — Sérgio Luís Branco Roque;

4.º — Shiraz Aly Saccor;

5.º — Fernando Aleixo, do Grupo do Dondo da AEP (Moçambique).

A classificação do concurso de desenhos para o carimbo e sobrescritos do Jota-72, atribuída por um júri constituído pelo Organizador Nacional e por representantes do jornal «Sempre Pronto», foi a seguinte:

1.º — Fernando Aleixo, do Grupo do Dondo da AEP (Moçambique);

2.º — José Alberto Franco de Castro, do Grupo 24 da AEP, do Funchal, prestando serviço na Guiné;

3.º — Rui Canas Gaspar, do Agrupamento 59.º do CNE, de Setúbal, prestando serviço na Guiné.

XL Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo do 25.º aniversário do Serviço Meteorológico Nacional

Desde os tempos de Jesus
(sem que mais longe remonte)
que os homens querem prever:
«se é avermelhada a luz
«ou se é sombrio o horizonte», (1)
que tempo é que vamos ter.

Hoje a ciência devassa,
e com certa exactidão
quando seus cálculos traça
e nos dá a decisão:
As nuvens fotografando
e o caminho desenhando
do ar no seu movimento,
decide o agricultor,
ajuda o navegador
e à vida dá incremento.

EDUARDO MOREIRA

(1) S. Mat. 16.2-3.

NO GRUPO N.º 23 DE QUELUZ

Promessa de novos escoteiros

Em 18 de Dezembro passado, realizou-se na sede deste Grupo uma sessão para compromisso de honra de novos escoteiros. Estiveram presentes, além de famílias dos escoteiros e outros amigos, os srs. Eduardo Cardoso, Administrador do Bairro de Queluz; António Silva Antunes, presidente da Associação dos Bombeiros da vila; Rev. Padre Fernando Guerra, assistente espiritual do Grupo; Capitão António Gomes Rocha, presidente da direcção do «23». O sr. Presidente da Junta de Freguesia fez-se representar pelo senhor Tesoureiro da mesma Junta.

Após a cerimónia do compromisso de honra, foram entregues diversas insígnias de classe, cartões de participação no Jambori do Ar, medalhas do Festival da Juventude aos escoteiros que nele participaram, e ainda cartões de mérito os seguintes escoteiros: cordão vermelho — Mário Manuel B. e Melo; cordão verde — José Manuel G. Corado e Rui Manuel Fragoso Lopes.

Comemorando-se o 10.º aniversário da invasão da Índia Portuguesa, o sr. Capitão Gomes Rocha falou acerca do Ultramar Português e teve palavras sentidas sobre o Estado da Índia. O Chefe do Grupo, que cumpriu serviço militar em Cabinda, falou também acerca da Província de Angola.

Os novos escoteiros que prestaram o seu compromisso, António Manuel Cruz Vieira, Fernando Jorge Rocha Mina e António Manuel de Oliveira Vivas foram muito felicitados, bem como os escoteiros Carlos Lima e Rui Lopes, que receberam as *pescadinhas* de guias das patrulhas Andorinha e Tigre, respectivamente.

Apontamentos para a história do Escotismo (3)

Testemunha entusiástica do valor educativo do Escotismo o general Jorge Oom fala-nos do seu tempo de escoteiro

A tarefa a que nos propusemos de conversar com os mais antigos escoteiros portugueses, ouvindo as suas narrações desses tempos já distantes, como que os acompanhando numa viagem aos primeiros tempos de Escotismo no nosso País, traz-nos compensações excelentes. Por um lado, recebemos, como espólio valioso, os testemunhos vivos de tais acontecimentos; por outro lado, fica-nos a certeza de que o Escotismo foi uma realidade na nossa terra e que o movimento escoteiro foi um bem que o genial B.-P. legou à juventude, que nele encontrou a completa satisfação dos seus anseios.

*

O nosso entrevistado de hoje é um exemplo flagrante do que fica dito. Escoteiro apenas durante quatro ou cinco anos, ele sentiu-se verdadeiramente subjugado pela magia do Escotismo, orientando-se, vida fora, pelas regras do «Jogo» que, até hoje, sempre se mantiveram vivas no seu espírito.

Na acolhedora sala de trabalho do ilustre oficial, confortàvelmente instalados, dispomo-nos a ouvir a sua narrativa, enquanto apreciamos os inúmeros troféus e recordações, quer da sua vida de jovem desportista quer da sua brilhante carreira de militar.

O sr. general Jorge Oom sabe perfeitamente o que nos interessa conhecer e fala-nos com uma clareza e vivacidade de memória que nos surpreendem. Passado pouco tempo, compreendemos que existe um precioso auxiliar de tão privilegiada memória, mas não ficamos menos admirados com o sentido de organização que o nosso anfitrião nos revela. De uma pasta de cartão, cuidadosamente guardada ao longo dos anos, vai fazendo surgir, perante a nossa admiração, tudo o que conserva da sua vida de escoteiro. São relatórios, desenhos, panfletos, fotografias, todos os seus cartões de identidade escotistas e... a sua bem conservada caderneta de escoteiro.

Ouvi-lo é um prazer que não merece interrupções. As perguntas do repórter tornam-se, portanto, desnecessárias no texto em que a narração só por si preenche o nosso interesse.

O grupo n.º 3 nasceu no Liceu de Pedro Nunes

O Grupo n.º 3 foi criado no Liceu de Pedro Nunes, creio que em 1913 e, salvo erro, logo depois da vinda a Lisboa dos escoteiros de Hastings, que foram lá ao liceu fazer um desafio de futebol.

* * *

Não fui dos primeiros rapazes do grupo, mas terei estado entre os fundadores do primeiro ano. Entrei para o grupo, salvo erro, quando andava no 3.º ano do liceu, em fins de 1913.

* * *

O Escoteiro-chefe foi inicialmente o comandante Jaime do Inso, que fez uma grande parte da sua vida no Oriente. Ele levou o grupo a fazer um dos primeiros acampamentos de escoteiros em Portugal, o qual se realizou em Alcochete. Lembro que este acampamento deu brado, principalmente porque as mães não queriam permitir que os seus «meninos» dormissem fora de casa, passando a noite no campo.

Depois, lembro-me que foi chefe do grupo o dr. Barbieri Cardoso, irmão do actual general Barbieri Cardoso, que também foi escoteiro, tal como outro irmão, o Alberto, que é coronel.

A seguir foi Henrique Carlos de Moura, que era oficial de administração militar.

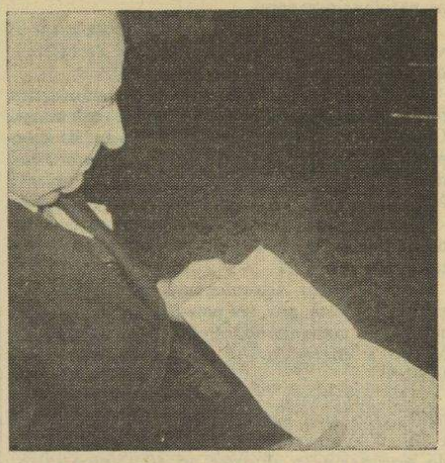
* *

Todos os escoteiros eram, obrigatòriamente, alunos do liceu e é curioso que até nos era exigido o bom aproveitamento escolar para podermos frequentar o grupo; aqueles que não tinham bom aproveitamento no liceu eram afastados das actividades para que se não dissesse que o Escotismo prejudicava os nossos estudos.

* * *

O dr. Sá Oliveira nunca fez parte activa do grupo n.º 3. Era um grande amigo do Escotismo e foi o 1.º Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal, que ajudou a fundar. Como reitor, fez uma obra notável no «Pedro Nunes».

O Presidente da direcção do grupo n.º 3 era, naquele tempo, o dr. Braga Paixão; João Correia Júnior e Celestino Soares foram outros dirigentes.



O General Oom examina um álbum de nós

Era um grupo muito activo...

* * *

O TRÊS era um grupo muito activo. Executávamos muitos exercícios de patrulha, bem como de várias patrulhas e participávamos em muitas actividades práticas das técnicas escotistas em que assentava, nesse tempo, a preparação dos escoteiros; assim, estudávamos topografia, orientação, sinalagem, socorros a feridos, nós e ligações, etc. Além disso, havia muitas conferências e prelecções sobre diversos assuntos.

Realizámos vários campos de férias na Serra da Arrábida; lembro-me de três em 1915, 1916 e 1917. Também fazíamos excursões e acampamentos no Inverno; recordo-me de um deles em Azeitão; estava um tempo péssimo e até choveu dentro das nossas barracas. Tivemos, então, de nos alojar numa casa particular, onde passámos o resto das férias.

Também na Serra de Sintra tivemos várias actividades, quer de Verão quer de Inverno.

Era campismo a sério. Para subirmos a Serra da Arrábida, tínhamos de levar tudo às costas; outras vezes, utilizámos burros para transportar a carga. A travessia da serra fazia-se por atalhos; não utilizávamos a estrada que aumentava muito a distância e que, além disso, terminava no convento. Na Arrábida explorámos as lapas «de Sta Margarida», «dos Morcegos» e «do Médico» para tomar conhecimento e estudar esses lugares.

Ainda hoje não fumo, porque decidi não fumar quando era escoteiro!

Por outro lado, o grupo procurou sempre manter e respeitar as características que impu-

Continua na pág. 8

ESCOTISMO

Do «Boletim da Universidade Livre»

É uma bela instituição o escotismo.

O nome tem certo ar de antiguidade; a sua forma, o seu espírito e os seus fins fazem lembrar a cavalaria medieval. De criação recente, a organização deu-lha um general, e pode dizer-se que nasceu nos campos de batalha. Mas é uma instituição civil, é uma obra de paz.

Adopta umas tantas fórmulas semelhantes ao culto externo das religiões; mas não é instituição de carácter religioso; as bases de toda a sua acção consistem no culto da Honra e no contacto com a Natureza.

Muitos o têm considerado um capítulo da educação física. Puro engano; a cultura física é apenas uma forma do escotismo, cujo campo é bem mais largo, visando a educação dos sentidos, a cultura da inteligência, a depuração dos sentimentos, a formação da vontade, o desenvolvimento da *personalidade*.

O escotismo é essencialmente um método de educação moral. Corresponde admiràvelmente a uma instante necessidade do nosso tempo. Implantado está ele em Portugal. Urge desenvolvê-lo. Quantos educadores portugueses compreenderam o alcance do escotismo? A sua adaptação ao nosso meio, ou antes a adaptação da nossa mocidade às exigências da prática do escotismo é dificílima, mercê da sua indolência, dos seus vícios e maus hábitos, da herança que as passadas gerações lhe legaram. Pois essa é a prova evidente da necessidade de o fazer triunfar entre nós; é preciso reformar os costumes da nossa mocidade segundo a orientação do escotismo.

Poderá tão grande empresa realizar-se sem a prática do escotismo? Indubitàvelmente. Mas, pois que o escotismo é o melhor método, façamos escotismo.

ANTÓNIO J. DE SÁ OLIVEIRA

(Encontrado entre as recordações escotistas do General Jorge Oom)

CARTA ABERTA aos locutores da Radiotelevisão Portuguesa

Meus Amigos:

Deixai-me tratar-vos assim, tão familiarmente, pois dia após dia me entrais em casa, ganhando a simpatia que o convívio traz, no hábito de vos ouvir, ora um, ora outro — ou outra — rostos alegres ou sisudos, um mais natural, outro mais enfático: uns de vozes mais agudas, outros de mais grave modulação; uns (ou umas) pronunciando as últimas sílabas dos exdrúxulos, como prescreve a ortoépia, maneira tão grata à minha outiva endurecida; outros por vezes prejudicando-me, pela rapidez da elocução, o que me dá o ensejo de relevar, ensejo aliás consolador, «vamos lá»...

Quantas coisas se perdoam numa família!

Sim: porque, acima de tudo, e além de tudo o mais, sou um entusiasta, admirador incondicional da televisão, das suas possibilidades e realizações já confirmadas, um sonhador acerca do seu futuro, porventura imprevisto. Na minha já longa vida conheci, por experiência, os «maníacos do contra», os snobs *da impugnação inconsciente, os silêncios ou a balbúrdia dos ataques onde se esconde às vezes a pudibunda inveja. Eu, porém, tenho tido horas de prazer com bastantes filmes de encanto e de lição feliz, em quadros da Natureza e da Arte, assim como em certos episódios de ficção, que merecem ficar famosos e reproduzidos em ocasiões julgadas oportunas. Isso vejo fazer, e muito bem, com a política e a história internacionais. Se às vezes discordo disto ou daquilo, só se deverá ver nisso interesse, colaboração pessoal, aliás bem restrita, entretida em conversas, ou no silêncio que não incomoda.*

Homem comum entre tantos (frase famosa é essa, que milhões de portugueses devem aprender a interpretar), no aposento modesto dum candidato à ignorada «Quarta Idade», recordo o que a vós, jovens, um dia Pio XII disse ao contestador que desdenhosamente se destacou dum grupo de visitantes: «aproxime-se, meu filho, que nunca a bênção dum ancião fez mal a um moço». Ora aqui tendes a minha bênção também. Que mal vos fará?

Mas conversemos: eu sei que sois línguas, *como somos todos, de outros* cérebros. *Vós, por dever de ofício. Contudo pondes a vossa* música *pessoal na* partitura *que interpretais. É ouvir-vos, quando se trata de certa tarde de touros ou de bola.*

Compreende-se! Sei por mim, quanto ao desporto, que traduzo o meu amor ao povo de que faço ínfima parte, ao desejar o bem físico, por igual, aos «dois onzes» dum mesmo jogo. Outras coisas há que me aquecem mais; mas respeito o «fogo alheio», tão sincero ele seja como o meu. É novice, *dizia há muitos anos o prior duma paróquia nortenha. Além do que a pantalha ilumina-se para todos, imitando o sol.*

Entretanto, já a um dos meus amigos locutores ouvi modular com desdém vincado o estribilho:

Liberdade, Igualdade, Fraternidade, *decerto por sabê-lo adoptado pela Revolução Francesa, a «virtuosa da guilhotina», de há 180 anos, mas também formuladora dos direitos do Homem. Esqueceu ele, ao musicar assim as três virtudes, que elas são cristãs, de incontroverso valor. Vede as palavras de Jesus Cristo em S. João 8.36, S Mateus 20.26 e 23.8. Ele nos declara livres, iguais e irmãos. Perante Ele, é claro... Por isso o desdém ficou* choco. *E* choca.

Outro caso, mais recente, julgo-o digno de colóquio: o da aceitação da bruxaria, revestida de quiromância e astrologia, «ciências» medievais, ingénuas ou matreiras, em que ouvi um cavalheiro muito agradável defender — no século XX! — o estudo sincrético e esotérico e de que se nos apresenta mestre. Claro que isto já não será com as vozes *que nos trazem o assunto, mas com os* cérebros *que seleccionam a matéria. Mas desabafo. Trata-se de*

As Mãos e os Astros.

Ora a verdade é que os astros nos servem (os irmãos escoteiros que o digam) para orientação, sem complicações estranhas, como aos nossos antepassados nómadas, sem bússola; e as mãos são o mais admirável instrumento que Deus concedeu ao Homem, antes de com elas *fabricarem outros instrumentos, para* com elas *serem usados. Mas, num país cristão há dezassete séculos, misturar os deuses da mitologia e os emblemas medievais do baralho, é baralhar-nos a vida e fazer dela um mito! Benzedeiras e cartomantes baratas são casos de polícia. Porque não hão-de ser as páginas de astrologia da Imprensa, com apensos de anúncio a, pelo menos, cinco bruxos e duas bruxas?*

Espero, e desejo, ter alguns leitores, por isso escrevo: a vós, por simpática gentileza, visto que a vós me dirijo. Outros, nomeadamente os Escoteiros que bem sabem utilizar a contemplação do céu estrelado e o treino das mãos, gratos a Deus, Supremo Artífice das longínquas galáxias e das subtis moléculas, de que é formado o nosso corpo e a matéria que nos cerca e serve, Ele é o Pai comum dos atrevidos seres que nós somos, no exame progressivo de umas e de outras, moléculas e galáxias, aumentando a nossa humildade com a intuitiva medição da Sua imensidade.

Na T. V. sois o meio quase exclusivo e permanente de comunicação entre o respeitável Programa e o ansioso audividente. Ora como «palavra puxa palavra», e «as palavras são como as cerejas» que umas às outras se prendem, e têm caroço, seu elemento reprodutor; e como as palavras são mães ou madrinhas da acção, é convosco que desabafo — à portuguesa.

Um de vós é agora médico. Congratulo-me convosco, num sentido geral, e com ele em particular. O seu exemplo vale por trinta filmes! Admiro-o. Desejaria vê-lo pediatra, no cultivo do amor pelas crianças, «das quais é o Reino dos Céus», disse o Divino Mestre; mas mesmo em clínica geral ele poderá procurar defender os pequeninos perante as altas esferas da programação, na atenuação dos

Tiros, pugilos *e* **correrias.**

Bem sei que as crianças rejubilam com tudo isso. Ou, por outra, excitam-se. Mas também em geral gostam de doces e não se lhes pode, ou deve, dar quantos querem. Para tudo há limites. Est modus in rebus, *dizia Horácio, o que quer dizer: para tudo há medida.*

Tenho observado que sois camaradas: outra grande lição. Se fôsseis ingleses, já entre vós haveria um clube. Diz-se que onde há dois ingleses se prepara o clube. Deixaríamos de ver

Tolices em letras luminosas

cuja responsabilidade não sei a quem pertence. Há talvez milhões de portugueses, de letra gorda e magro conhecimento, que são deixados nas encruzilhadas da perplexidade Gulbenkian é agudo ou esdrúxulo? Pretexto para discussão amigável entre duas sanduíches, duma «bica» cheirosa ou dum refresco sadio!

O erro é próprio dos homens, mas o persistir nele é... impróprio, digamos. Bem sei que há vocábulos verdadeiras armadilhas, como pontifício, «*superesdrúxulo*» *mais duma vez ouvido. Cai-se fàcilmente. Mais fácil é o criticar, de forma negativa.*

Mas «voltando à vaca fria» dos cacófatos luminosos: mau grado a quadra afectuosa que termina assim: «são mais lindos que as estrelas / seus erros de ortografia», eu ainda vou pelas estrelas!

Servi-me de empenho! Bem sei que «o pretor não cuida das coisas mínimas», porém são com partículas de cimento, de pedra, areia e cal que se constroem muralhas.

Nossos avós as construíram, até em Marrocos e na Etiópia, atestando ainda hoje qualidades que nos honram, quando dignos herdeiros delas.

«Honrai a Pátria, que a Pátria vos contempla». De facto se não são já os avoengos que nos contemplam na pantalha são compatriotas contemporâneos que connosco formam e reforçam a Pátria.

EDUARDO MOREIRA

Apontamentos para a história do Escotismo

Continuação da pág. 6

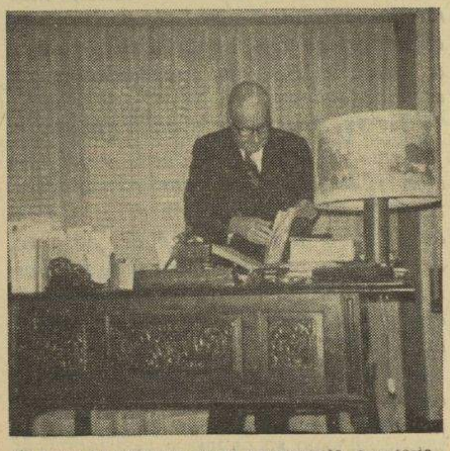
nham o Escotismo. Esforçávamo-nos por cumprir a LEI. Exemplo: ainda hoje não fumo porque decidi não fumar quando era escoteiro. Depois não valeu a pena principiar... Também os hábitos morais que se adquirem com o Escotismo são úteis pela vida fora.

Também participávamos em actividades com outros grupos. Fizemos muitos exercícios gerais com o comandante Melo Machado.

De todas as actividades, faziamos relatórios...

...

Aqui está o meu caderno de escoteiro, onde escrevia muitas das minhas provas. Olhe: exame de escoteiro de 3.ª classe . prova de observação... exame de 2.º classe... ligaduras .. nós... escoteiro de 1.ª classe... provas de natação. .



O nosso entrevistado possui um completo repositório de recordações escotistas, cuja consulta representa para ele um agradável passatempo

De todas as actividades, faziamos os nossos relatórios. Eles tinham sempre uma finalidade a cumprir. Por vezes, tinhamos que responder a questionários relacionados com o caminho a percorrer. Aqui tem, por exemplo, um em que me é exigido o reconhecimento da estrada de Carnaxide a Linda-a-Velha: — direcção da estrada, classificação, pontos importantes que liga, largura, estado, reparações, pontos murados, pontos arborizados, etc.

Outras perguntas: De que meios se serviu para a orientação pelas estrelas? Como se constrói um relógio de sol? Que pontos avistou do sítio onde dormiu? Que espécie de terreno foi escolhido para a instalação do campo? Acha o terreno bom para este exercício? Gostou do sítio escolhido? Que gostou mais do exercício?

Em 1916, fomos para a Senhora da Rocha, perto de Carnaxide. Estávamos acampados, quando tivemos conhecimento do incêndio no Arsenal da Marinha. Aqui está o relatório: —

Às 8 horas do dia 18, tendo chegado ao acampamento a notícia do incêndio no Arsenal, foi logo dada ordem de levantar o bivaque e marchar para Lisboa, devendo em Alcântara receber instruções do Chefe, que partiu imediatamente com um guia. Em Alcântara, encontrámos um escoteiro ciclista que entregou ao chefe ajudante do grupo o seguinte despacho: GRUPO SE DIRIJA AO LICEU, FAZ ALMOÇO E ESPERA ORDENS. Então, fomos para o liceu, onde desequipámos e confeccionámos o almoço. Pouco depois do almoço recebemos ordens de seguir para o Arsenal de Marinha, onde o escoteiro-chefe distribuiu às patrulhas diversos serviços de salvação».

...

Um episódio engraçado. Certa vez, iamos acampar para a Outra Banda e deslocámo-nos num barco à vela, mas não havia vento e o barco não andava. Houve, então, alguém que recomendou: tirem as mochilas para o barco ficar mais leve!

...

Fui escoteiro até fazer o 7.º ano do liceu. Percorri todos os graus da escala escotista: fui subguia da patrulha «Águia», de que era guia o hoje almirante Lopes Alves, depois fui guia da patrulha «Galo»; finalmente, fiz exame para escoteiro-chefe, mas abandonei o Escotismo por falta de tempo.

...

Aprendi muita coisa quando escoteiro que me foi útil pela vida fora. Ainda hoje sei fazer nós como os aprendi no Escotismo; sei os seus nomes e faço-os de olhos fechados tão bem como os fazia outrora. Também ainda hoje sei o homógrafo e morse quase todo. E isto serviu-me muito na minha vida de militar. Fui Alferes em sapadores mineiros e os meus conhecimentos foram-me muito úteis. Em 1924, ainda na engenharia se faziam pontes de «pau e corda», mas eram trabalhos sérios para passarem carros, e o conhecimento de nós e ligações adquirido no Escotismo foi para mim de grande utilidade.

No Grupo n.º 3 faziam-se muitas demonstrações com base em trabalhos de pioneirismo. Recordo que em 1915 (tenho aí o relatório...) fizemos uma ponte triangular por onde passou o Dr. Jaime Neves, que nos foi visitar.

Também o espírito de observação me foi bastante útil, pois, com um ligeiro volver de olhos habituei-me a reparar em muitas coisas que poderiam passar despercebidas sem esse treino.

Vantagens que o Escotismo nos transmitiu para aplicação na vida prática.

Nomes ilustres entre os antigos de TRÊS

..

Recordo muitos companheiros, mas citá-los de memória, após tantos anos, é difícil. Quero ressalvar esse facto para não parecer incorrecto para aqueles cujo nome me não ocorre neste momento. É importante que não se esqueça de citar no jornal esta minha observação.

Entretanto, além dos nomes que já citei e de meu irmão (o eng.º Frederico Oom), lembro Luís Reis Santos, que foi professor na Universidade de Coimbra, Francisco Rocha e José Rocha, ambos médicos, o conde de Bobonne e o irmão Álvaro Bobonne, que é eng.º agrónomo, o pintor Carlos Botelho, o arquitecto Luís Benavente, o dr. Faria Lapa, o dr. Manuel Bento de Sousa, Gomes da Silva, Gustavo Pereira da Costa, um entusiasta da natação..

Durante muitos anos fizemos um almoço anual desses antigos, mas já há dois anos que não se realiza.

Um tema sempre actual

Sem uma só vez se afastar dos aspectos que se relacionam com a verdadeira finalidade do Escotismo, o nosso interlocutor ignorou propositadamente todas as políticas marginais que só serviram para travar o seu útil desenvolvimento ou criar desnecessárias e prejudiciais separações, mostrando-nos claramente que só lhe interessara, quando jovem, a verdadeira essência do Movimento. Esta posição não o impede de se pronunciar com convicção quando ocasionalmente se referiu à grafia da palavra ESCOTEIRO: «Olhe que eu escrevo escoteiro com O. Também assim escrevia o dr. Sá Oliveira e todos os escoteiros do meu tempo. Aliás não havia outra forma de escrever ESCOTEIRO. Não se trata de uma palavra nova, criada por tradução, mas da adaptação de uma palavra portuguesa já existente, cujo significado se ajustava mais à definição do jovem praticante do movimento de B.-P. «A palavra ESCUTEIRO (com U) só apareceu muito mais tarde...»

Ficaríamos por muito mais tempo a ouvir com agrado as interessantes recordações de um dos mais antigos escoteiros portugueses, já que o tema parecia inesgotável, se não fora o respeito devido aos afazeres e merecido repouso do nosso entrevistado, cuja simpatia e lhaneza de trato nos permitiram já um apreciável registo dos acontecimentos.

Impunha-se pois que déssemos por finda a entrevista, o que fizemos depois de apreciar ainda durante algum tempo toda aquela histórica documentação, guardada com interesse e simplicidade pelo sr. general Oom durante cerca de sessenta anos, onde apreciámos alguns escritos do dr Sá Oliveira, Basílio dos Santos e outros amigos convictos do Escotismo, bem como algumas referências à campanha lançada por Paulo Osório no jornal «O Século», a quem se ficou a dever muito do prestigio então alcançado pelo Movimento em Portugal.



O cartão de identidade de escoteiro do General Oom. Datada de 1917, está assinado pelo Dr. Sá Oliveira, como presidente da Direcção Central, e por Joaquim da Silveira Ferreira Sarmento, como presidente da Direcção do Grupo 3

«Sempre Pronto» agradece reconhecido ao sr. general Jorge César Oom o excelente serviço que as suas recordações e os seus «papéis velhos» prestam ao Escotismo, saudando-o com respeito e muita amizade pela verdade com que interpreta o lema: ESCOTEIRO UM DIA, ESCOTEIRO TODA A VIDA.

M. G.

DO ENTRONCAMENTO

Grupo N.º 84

FESTA DO GRUPO — No dia 19 de Dezembro passado, os escoteiros reuniram na sede pelas 10 horas, tendo tomado parte na cerimónia do içar da bandeira. O Grupo desfilou depois até à igreja paroquial para assistir à missa, tendo no percurso feito uma pequena paragem para cumprimentar o sr. José Duarte Coelho, presidente da Direcção.

De tarde, realizou-se uma sessão presidida pelo sr. José Duarte Coelho que se encontrava ladeado pelos novos dirigentes do Grupo tendo sido lida uma mensagem do Chefe Horta, na qual apresentava as suas despedidas e para que fossem empossados os novos dirigentes. O sr Presidente resolveu adiar o acto de posse com a opinião unânime de todos os Escoteiros, visto o Chefe Horta ter adiado a sua partida e só embarcar em Março. O Chefe Horta na sua mensagem punha em relevo as virtudes e amizade do sr. Duarte Coelho, devendo-se a existência do Grupo ao apoio moral e material que sempre lhe tem dispensado. O Pre idente do Grupo, ao agradecer, fez referência à medalha de Dedicação e Bons serviços, classe ouro, com que o Chefe Horta fora distinguido pelos serviços Centrais dos Escoteiros de Portugal.

Durante a festa, prestaram compromisso de honra três novos escoteiros e uma Aquelá, tendo ainda feito promessa uma Avezinha.

Árvore do Natal

O sr. Presidente inaugurou a árvore do Natal, tendo distribuído lembranças aos lobitos e avezinhas. Não faltaram os balões que proporcionaram ensejo para brincadeiras dos mais novos, em que até os mais velhos tomaram parte.

A simpática festa prosseguiu com um lanche, gentilmente oferecido pelo sr. Duarte Coelho, terminando com um interessante acto de variedades, em que os membros do Grupo tiveram oportunidade para demonstrar as suas habilidades e arte, acto que se encerrou com o hino associativo — *Vitor.*

PÁGINA DO ESCOTEIRO

(Continuação da pág. 4)

Higiene no Acampamento



O recente surto de cólera, que ameaçou o nosso país e está agora atingindo algumas zonas da nossa província de Angola, veio demonstrar a conveniência de nunca se descurar o cumprimento das normas de higiene que sempre se recomendam e praticam nos acampamentos escoteiros.

A situação do acampamento deve obedecer a criteriosa selecção: local batido pelo sol, abrigado dos ventos e num chão sem humidade, onde não existam detritos nem excrementos. Antes da instalação, deve-se proceder à limpeza do chão, enterrando ou queimando todo o lixo.

Latrinas

Não só a temível cólera, como outras infecções intestinais, são propagadas por águas infectadas por fezes dos doentes, dada a circunstância de ser nos intestinos que se desenvolvem os bacilos e vibriões causadores das doenças. Também as moscas, as mãos sujas, os alimentos e o leite podem transmitir infecções.

As moscas — grandes responsáveis pela transmissão de doenças — reproduzem-se onde houver matérias orgânicas em decomposição. Portanto, é necessário impedir que os restos de comida, lixos, detritos e excrementos permaneçam em contacto com o ar. O lixo deve depositar-se em recipientes fechados, as estrumeiras devem ser construídas de forma a conservarem-se defendidas, e as fezes nunca devem ser deixadas a descoberto.

Logo que o acampamento estiver instalado, o primeiro cuidado será construir as latrinas, que nós, escoteiros, para usar um termo mais agradável, designamos por hipopótamo.

Deve ser construído um hipopótamo por cada trinta escoteiros acampados. O local desta construção terá de ser fixado no lado contrário ao vento, para que não chegue ao acampamento qualquer cheiro, longe de poços ou cursos de água, para que esta não seja contaminada.

O fosso aberto deve ter cerca de um metro de profundidade, conservando-se junto a terra que foi retirada. Junto a esta conserva-se uma pá e sempre que o hipopótamo for utilizado, as fezes serão imediatamente cobertas com uma camada de terra. Se a latrina se utiliza por mais de um dia, deve ser desinfectada, com um pouco de coloreto, no fim de cada dia.

O hipopótomo deve ser construído num local escondido e oculto com uma paliçada de arbustos.

Fossas

Junto de cada cozinha, deve ser aberto um fosso, cuja profundidade deve estar em relação com o número de dias que a cozinha vai servir. Para um único dia, bastará um fosso de meio metro. Este fosso é completamente tapado com uma cobertura de arbustos, de forma a ficar isolado das moscas. De um dos lados, o engenho escoteiro prepara uma tampa e abre um rego por onde se escoam as águas.

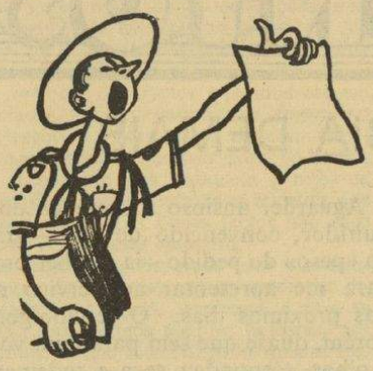
Todos os restos de comida — mas absolutamente todos — cascas de fruta, detritos de peixe, restos de hortaliça, etc. etc, são lançados na fossa e para lá se escoam as águas sujas.

Estes cuidados higiénicos são indispensáveis para assegurar a saúde de todos os acampados e ainda para servir de exemplo àqueles que não as observam, já que muita gente imagina que, pelo facto de se encontrar fora da cidade, deve deixar de observar regras de limpeza. É espectáculo pouco lisonjeiro o lixo que se vê nos locais de repouso que os habitantes da cidade buscam para passar os dias de calor. As pessoas asseadas devem observar os mesmos preceitos quer se encontrem em casa, quer no campo ou na praia.

No fim do acampamento, todas as fossas e latrinas devem ser entulhadas, de forma que delas não fique qualquer vestígio, como é de boa norma escoteira.

UMA CAMPANHA EM MARCHA

MAIS DUZENTAS ASSINATURAS!



A nossa Campanha continua a registar êxitos, embora lentos, o que nos leva a repetir o apelo aos nossos leitores para que cooperem nesta iniciativa a fim de que possamos dar nova amplitude a «Sempre Pronto». *Como resultado do relativo êxito desta Campanha, o presente número tem 12 páginas. Queremos repetir estas edições, mas para isso precisamos que a campanha se aproxime do seu alvo.*

Os novos assinantes de Angola que registamos em Novembro, foram os nossos amigos srs. Hipólito Alberto, D Graciete Amaral Rosa de Castro, Joaquim Manuel C. S. Raposo, D. Maria Lizete Frazão Lopes, Grupo 40 dos Escoteiros de Portugal, todos do Lobito; D Maria Olimpia Correia de Carvalho, Alfredo Alves Ferreira, Vasco Vitória Pereira Moreira e António Jorge Fernandes Ventura, de Benguela. Sejam bem-vindos!

Entretanto, recebemos mais as seguintes novas assinaturas. Da Sr.ª D. Maria Elisama Moreira, gentil filha do nosso ilustre colaborador Rev. Eduardo Moreira e uma das mais antigas guias portuguesas, proposta por seu pai; outra do IX Agrupamento do C. N. E. no Porto, proposta pelo nosso Correspondente sr. Horácio José de Paiva; e do sr. Rui Manuel Vieira Lopes, de Queluz. Tínhamos feito registo de 68 assinaturas, portanto, atingimos agora o total de 71. Prezado Leitor, mande-nos também pelo menos uma nova assinatura.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

A remessa espontânea da importância das assinaturas é auxílio precioso, que nos poupa dinheiro e tempo, que não podemos deixar de registar com o maior agradecimento.

O Sr. Rev. Eduardo Moreira, a quem tanto devemos, enviou-nos Esc. 300$00 para pagar assinaturas. O Sr. Prof. Dr. Faria Lapa, assinante patrocinador, remeteu 100$00. E também os seguintes amigos dedicados e assinantes patrocinadores nos enviaram as importâncias de suas assinaturas! Srs. António Amêndoa, de Alhandra; Albano da Silva, de Lisboa; Eduardo A. Alves da Silva, de Luanda; José Luís Pinto Machado, do Porto; Fernando José Soares Gomes, de Alcácer do Sal; Dr. Adelino Vieira Pimentel, de Angra do Heroísmo

Também os nossos estimados assinantes srs. Fernando Amilcar da Silveira, de Lisboa; Cristiano Augusto Xavier, de Vila Real de Santo António; Arnaldo Pinto, e IX Agrupamento do C. N. E., do Porto; Rev. Padre Américo F. Alves e Junta Regional do C. N. E., de Braga; Grupo n.º 27 da Azambuja, nos enviaram o valor de suas assinaturas.

A todos o nosso «muito obrigado».

A atenção no trabalho

À falta de atenção no trabalho devem-se muitos acidentes que, caso o trabalhador tivesse tido interesse e cuidado na tarefa que lhe estava destinada, poderiam haver sido fàcilmente evitados.

Esta falta de atenção pode ser inata ou devida a várias causas. No primeiro caso, não existe outra solução que proporcionar ao indivíduo um novo trabalho que não exija aquela faculdade em escala tão elevada.

No segundo caso, torna-se indispensável combater as causas, que podem ser várias: a fadiga, preocupações próprias que afastam o pensamento do trabalho, solicitações alheias que obrigam, momentâneamente, a desviar a atenção do trabalho que está sendo efectuado para qualquer outro assunto, etc

As preocupações pessoais de cada trabalhador, que o impedem de concentrar-se no que está realizando são causa de acidentes, difìcilmente inevitáveis em virtude dos factores emocionais que originam uma diminuição nas capacidades individuais.

Se a distracção provém de agentes exteriores, há que neutralizá-los na sua origem, pois, se assim não for, as consequências são sempre funestas.

C. P. S.

Miss Denise Lester

Sua Majestade a Rainha Isabel II agraciou com a Ordem do Império Britânico — grau de oficial (OBE) *miss* Denise Lester, directora do Colégio «Queen Elizabeth» de Lisboa, antiga dirigente guia e delegada da associação mundial das guias em Portugal.

Miss Denise Lester, que tem sempre manifestado o maior interesse pelo Guidismo em Portugal e colaborado em muitas iniciativas promovidas pelo Movimento, é há muitos anos assinante dedicada de «Sempre Pronto», tendo sido já agraciada em 1947 com o grau de membro da Ordem do Império Britânico.

Daqui lhe endereçamos as nossas felicitações.

A campanha de assinaturas é uma oportunidade de ajudar o «Sempre Pronto».



O RAPAZ SABIA DEMAIS

Há anos atrás, antes da última guerra, não era fácil a um rapaz conseguir colocação como empregado. Os jornais publicavam diàriamente anúncios pedindo aprendizes, praticantes, e logo acorriam dezenas, algumas vezes mesmo uma ou duas centenas, de pretendentes ao lugar. Nas escadas dos escritórios os concorrentes formavam bicha para logo serem despedidos com a notícia de que «já estamos servidos».

A fim de me habilitar a concorrer a um emprego de escritório, estudava numa escola comercial nocturna e nos serviços que me tinham já sido confiados diligenciara aprender alguma coisa. Tinha então dezasseis anos e encontrava-me desempregado. Concorri a diversos lugares, mas não fora admitido porque sabia pouco e tinha insuficiente prática. Entretanto, persistia em responder a anúncios tanto por carta como pessoalmente, mas os resultados eram nulos. Meu Pai, então, resolveu fazer um pedido a um seu amigo alemão, funcionário superior numa importante e progressiva empresa de electricidade. O pedido foi recebido com a maior simpatia e logo ficou combinada uma entrevista na sede da empresa em Lisboa.

O meu espírito encheu-se de esperança. Ia finalmente conseguir um emprego capaz, numa empresa de futuro, onde poderia progredir de forma a ganhar alguma coisa para ajudar meus pais na minha própria educação Preparei-me para a entrevista com o maior cuidado, de forma a poder causar a melhor impressão, comparecendo pontualmente à hora aprazada. O amigo de meu Pai recebeu-me da melhor forma e, depois de me fazer esperar uns momentos, introduziu-me finalmente num gabinete onde um senhor muito gordo e baixo, também alemão, sentado a uma enorme secretária, me olhou fixamente e na presença do introdutor me interrogou: — *Que sabe fazer ?*

A minha ansiedade era enorme. Que saberia eu fazer com dezasseis anos de idade ? Muito pouco, mesmo muito pouco. Fiz ràpidamente um inventário das minhas possíveis habilitações e, esforçando-me por não demonstrar a menor atrapalhação, respondi com a serenidade que consegui manter, tentando valorizar a minha inexperiência:

«Sei escrever à máquina, sei arquivar e fazer facturas».

Aguardei ansioso a sentença do inquiridor, convencido de que — graças ao «peso» do pedido—ia receber ordem para me apresentar ao serviço num dos próximos dias. O senhor gordo, porém, quase que sem para mim voltar a olhar, respondeu seca e rudemente:

Não serve! Queremos um empregado que não saiba nada.

Dificilmente as pernas aguentaram o peso do meu corpo. O suor corria abundante. O amigo de meu Pai colocou uma das mãos no meu ombro e conduziu-me suavemente à escada, despedindo-me quase sem palavras.

No meu cérebro travava-se um diálogo impossível. Ouvia outras respostas dizendo: «Precisamos de um empregado com mais prática». «Você sabe pouco». «Faz bem em estudar para aprender mais alguma coisa porque tem poucas habilitações». Mas agora, no momento em que tantas esperanças acalentava, era recusado «porque sabia demais...».

★

Já lá vão tantos anos... Penso muitas vezes neste incidente e tenho pena daquele jovem que era eu próprio e pergunto: Que consciência terá um chefe de empresa que assim desanima um rapaz no princípio da sua vida profissional !

E. R.

ACERCA DA DROGA

Um apelo que merece ser escutado

«A Defesa» de Évora, citada pelo «Jornal do Comércio», publicou em editorial um pertinente comentário a uma notícia de «O Emigrante», jornal do emigrante português em França, que no seu número de 5 de Novembro passado, «contava o drama de duas raparigas portuguesas, uma de 18, outra de 14 anos, que foram drogadas inconscientemente por alguém e, depois de terem perdido o uso da razão, sujeitas aos maiores vexames. Profundamente traumatizada ainda, a mais velha fez o seguinte apelo às raparigas portuguesas: *Digam, no vosso jornal, às outras raparigas portuguesas, que sejam prudentes e que não aceitem qualquer bebida, comida ou mesmo cigarros de quem não mereça confiança. É o suficiente para ficarem drogadas e serem arrastadas à mesma desgraça que nós experimentámos e qualificamos horrorizadas*».

E o comentador continua: «São 650 os produtos da droga, desde a marijuana, que produz sonhos cor-de-rosa, até à heroína, que mata ràpidamente.

«As formas como se apresentam as diversas drogas são variadas; em cápsulas ou pílulas, em pó, sob forma líquida, ou em folhas (semelhantes ao tabaco). Podem ser ministadas por via oral, por injecções, que o próprio dá a si mesmo, dissolvidas no chá ou café, cheiradas apenas, fumando cigarros contaminados ou mascando produtos ou artigos drogados».

O apelo a que este editorial faz referência merece ser escutado porquanto o miserável atentado de que foram vítimas aquelas jovens é um perigo a que toda a juventude está sujeita. Já outros casos semelhantes têm acontecido, alguns deles gorados pela intervenção oportuna de pessoas avisadas. Os traficantes da droga, gente sem inibições nem escrúpulos, que pretende apenas enriquecer sem se preocupar com os meios de que lança mão, dizíamos os traficantes começam a sua criminosa acção distribuindo a droga pelos processos mais inocentes, procurando que principalmente os jovens se deixem viciar para se transformarem ràpidamente em consumidores ávidos, clientela dócil para o criminoso negócio.

A droga representa essencialmente um atentado à juventude Ela vai destruir as mais brilhantes qualidades da gente moça. Destrói a personalidade, debilita o corpo e o espírito, mina a vontade, transforma o moço em velho. A juventude tem, portanto, necessidade de estar atenta e organizar a sua defesa. Se alguém, para acumular riquezas, não hesita em atentar contra a dignidade dos jovens, compete a estes entrar no combate, desmascarando todos os comparsas do tenebroso crime, denunciando os traficantes, expulsando a droga da sua comunidade. Se os jovens escutarem o grito de alarme daquelas duas raparigas e não esperarem que sejam outros a fazer a sua defesa mas, seguindo os princípios da estratégia militar, atacarem como o melhor método de defesa, os traficantes da droga, que já obtiveram os primeiros êxitos entre nós, depressa conhecerão a derrota e teremos salvo o que há de mais belo na pessoa humana — o carácter e a saúde física e mental.

Merece a pena travar o combate. E ninguém melhor que a juventude generosa o poderá fazer.

COMO FOI O JAMBORI MUNDIAL

Continuação da página 12

— Depois do Jambori, realizou-se no majestoso Tokyo Prince Hotel a XXIII Conferência Mundial do Escotismo, que reuniu os mais cotados dirigentes do escotismo mundial. Essas reuniões fizeram-se numa grandiosa sala do hotel, em cuja fachada foram içadas as bandeiras de todos os países delegados. A este respeito, melhor do que eu se poderá pronunciar o nosso escoteiro-chefe geral adjunto, sr. Eng.° Nobre Santos, que, também a suas expensas, se deslocou ao maravilhoso Japão para tomar parte nessa assembleia como representante dos Escoteiros de Portugal. Eu sòmente ali estive por curtos períodos, como observador eventual. Do CNE, tomou parte o Rev. Padre Ferreira Alves, figura bem conhecida do escotismo português e assíduo frequentador dos Jamboris e Conferências mundiais.

E acrescentou:

— Até lhe posso contar este caso curioso: até essa altura, apenas mantivera relações epistolares com o Eng.° Nobre Santos. Pois na manhã da inauguração da conferência, encontrava-se no *hall* do hotel, conversando com o chefe da delegação brasileira, Dr. Lacreta, aguardando a chegada do Padre Américo Alves. Em determinada altura, ouço dizer atrás de mim: «Está ali o Manuel». Ao voltar-me, depara-se-me o Padre Américo, acompanhado de um dirigente escotista português. Fico satisfeito por ver ali outro compatriota, mas confundido por não saber quem seria a pessoa que se aventurara a tão longa viagem. Ante a minha expectativa, o Padre Américo diz-me: «Então não conhece o Eng.° Nobre Santos?»...

Viajando através do Japão

Manuel Rodrigues continua a desfiar as recordações:

— Uma vez que me encontrava no Japão, não quis deixar de fazer uma excursão pelo país, a fim de conhecer *in loco* os curiosos costumes daquele estranho país, de que tanto ouvira falar. E assim, o Eng.° Kaol Sugimoto, dirigente escotista brasileiro de origem japonesa, apresentou-me o agente que tinha tratado da excursão da sua delegação, antes do Jambori. Foi ele que logo escolheu os melhores itinerários aos mais baratos preços, conseguindo um arranjo que lhe pareceu de maior interesse, o qual muito me satisfez. Embora a excursão fosse barata em comparação com os preços que estavam sendo feitos e tendo em atenção o nível de vida da maioria dos turistas que visitam o Japão, ficou muito cara para mim. Quase sinto vergonha de dizer que me custou à volta de mil escudos diários.

«Ora, nesta maravilhosa viagem, mais uma vez pude verificar o sentido de organização que revela o povo japonês, o seu senso de disciplina e a simpatia de que dá provas, tudo aliado para se alcançar um progresso, cujo nível está bem patente aos olhos dos economistas mundiais. Não restam dúvidas — ninguém as pode ter — de que se deve a uma educação e instrução de base, que com os próprios olhos pude observar, o desenvolvimento que aquele povo conseguiu, depois de, há cerca de 25 anos, ter sofrido um dos maiores reveses da História. O Escotismo está incluído nessa base. Durante a realização do Jambori, milhares de lobitos e de avezinhas visitaram o acampamento. O seu gracioso comportamento e vivacidade foram uma prova do valor dos conhecimentos alcançados através do nosso movimento. Mais tarde, vi crianças, que pouco mais teriam que seis anos, montadas em bicicletas, pelas ruas mais movimentadas de Tóquio e doutras importantes cidades, fazerem-no com mais desenvoltura que os adultos noutros países.

E as impressões de Manuel Rodrigues não cessam:

— Parece-me que, no Japão, todo o terreno está aproveitado. Por vezes, parecia-me incrível como teriam sido plantadas árvores em montes e ravinas tão íngremes. No percurso, encontrei muitas delegações de escoteiros que também visitavam o país. Entre elas, sobressaía a dos americanos, com caravanas de quatro e cinco autocarros. Procurei fazer a excursão junto duma desses delegações, mas não consegui. No entanto, no grupo de que eu fazia parte, também seguiam vários dirigentes escoteiros.

«A maioria dos factos tem interesse em ser contada, embora pareça que fogem ao âmbito escotista. Mas como o nosso movimento nos ensina a observar para podermos formar juízos que nos indiquem o meio de caminhar para o êxito, tem de se concluir que realmente a descrição desses factos não foge ao âmbito do interesse escoteiro.

«Da viagem que fiz, pude tirar a conclusão de que os japoneses sabem arrecadar dinheiro com o turismo, vendendo o ar e as vistas dos seus antigos templos budistas, dos seus jardins, já que materialmente apenas fornecem as suas comidas exóticas e consumos das viaturas que transportam os turistas, os quais devem ser centenas, ou mesmo milhares, diàriamente.

No próximo número: Manuel Rodrigues narra a saída do Japão e a visita a vários países, terminando, assim, a descrição da sua longa caminhada.

1972—Ano Europeu da Amizade

Continuação da pág. 1

E a cumular todo este programa, um folheto de divulgação, agora publicado, encerra um enunciado de considerações a respeito deste Ano Europeu com o voto de que *ele possa ser uma contribuição efectiva para a consecução do entendimento e da amizade internacionais»!*

Se se pensar que muitos dos que estiveram na origem da elaboração deste programa ou da sua aprovação são com certeza homens que viveram as célebres experiências de B.-P. no campo internacional, que puderam tirar a prova, através de acontecimentos por eles próprios vividos, do valor do pensamento do Fundador quanto aos encontros internacionais da juventude e, se pensarmos que, mais tarde, foram esses mesmos homens que sofreram a experiência terrível do último conflito mundial, temos de convir que a velha ideia de B.-P., longe de se encontrar desautorizada, ainda tem quem nela deposite a sua confiança, mostrando-se como factor de muito crédito, mesmo entre aqueles que teriam mais forte razão de a abandonar. Para já, pode-se dizer que 1972 é o ano em que a esperança de B.-P. se mostra com uma vitalidade comparável à que possuiu inicialmente.

Ano Europeu da Amizade. E nós, escoteiros portugueses, qual irá ser a nossa quota-parte neste acervo de actividades que vai despertar o entusiasmo dos jovens de quase toda a Europa? Iremos marcar a nossa presença entre eles ou ficaremos alheios a essas aliciantes iniciativas? Eis uma opção que nos é posta, cuja escolha revelará o nível escotista do nosso movimento.

A PAZ NO MUNDO

«A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA E DA CARIDADE». Esta frase axiomática define bem qual o caminho a seguir para que o mundo possa gozar de verdadeira Paz.

Enquanto os homens não tentarem, a todo o custo, lançar mão de todos os meios ao seu alcance, para reformar e rectificar certas anomalias que existem em certas instituições, o Mundo não terá a paz.

«Quando é que as indústrias de guerra se transformarão em indústrias de paz?», perguntava um moderno filósofo. Já reparaste, caro leitor, como o Mundo seria belo se se processasse um desarmamento total. Se os homens substituíssem a atmosfera de desconfiança pelo sentimento de amor e confiança?!...

São Paulo, o Apóstolo das Gentes, deu aos aos cristãos do seu tempo, um conceito de Liberdade, que bem se pode aplicar ainda no século XX: «Podemos fazer tudo o que quisermos, mas há coisas que não devemos fazer». (a)

Num movimento consagrado à FRATERNIDADE, como é o ESCOTISMO, parece-me não ficar descabido dissertar sobre este assunto da Paz: Paz nas consciências, em primeiro lugar; depois, Paz nos Povos.

Em Agosto de 1947, tive o grato prazer de tomar parte no JAMBORI MUNDIAL DE PAZ e aí pude verificar que, embora existam homens de diversas etnias, credos políticos e religiosos, havendo um Ideal comum, poderão coexistir em Paz.

Que os esforços dos Homens de Boa Vontade se conjuguem para tornar o Globo Terráquio num oásis de Paz, são os votos do vosso irmão escoteiro, nesta quadra festiva do Natal.

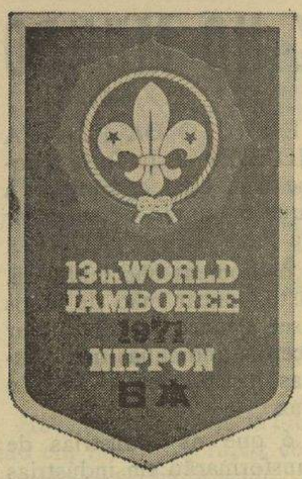
MANUEL SENO
«LOBO FAGULHA»

(a) N. da R. — «Tudo nos é permitido, mas nem tudo nos convém», segundo a versão de João Ferreira de Almeida.

Manuel Rodrigues

Este nosso estimado Amigo, solícito correspondente do «Sempre Pronto» na Beira, que passou umas merecidas férias com os seus familiares em Bragança, depois de ter participado no Jambori do Japão, de que nos tem dado interessante reportagem, embarcou no dia 15 do corrente para Moçambique, de regresso à sua vida profissional.

Desejamos-lhe excelente viagem.



COMO FOI O JAMBORI MUNDIAL

(Continuação)

Vários acontecimentos do Grande Acampamento descritos pelo nosso colaborador

Manuel Rodrigues

E não nos cansamos de escutar o manancial de recordações do nosso estimado colaborador Manuel Rodrigues, a que o seu vibrante entusiasmo dá maior relevo. Elas surgem, muitas vezes deslocadas do momento em que deveriam ser citadas. Mas um Jambori envolve sempre um tão grande acervo de acontecimentos que esquecidos agora, logo nos assaltam a memória e todos merecem ser contados.

E assim Manuel Rodrigues volve ao início do grande acontecimento:

— Na abertura do Jambori, o Presidente do Conselho Mundial do Escotismo transmitiu-nos a seguinte mensagem: «*Muitos de nós estavam esperando há quatro anos este dia. Tenho felizes recordações do campo de Idaho em 1967, onde a minha tenda ficava ao lado da do Dr. Kurushima, antigo chefe da* Boy Scouts of Nippon. *É pena que ele já não viva para poder apreciar esta realidade. Os nossos agradecimentos vão para o seu sucessor, o sr. Saburo Matsukata e para a sua esplêndida equipa, que duramente trabalhou na preparação deste XIII Jambori Mundial num local tão maravilhaso. Agora aproveitemos as oportunidades que se nos oferecem. Mas quais são essas oportunidades?* «Para a compreensão».

Quando, como escoteiro de 13 anos de idade, participei no 1.º Jambori Mundial realizado em Inglaterra no ano de 1920, pude ouvir, no último dia, o Fundador dizer: «Irmãos escoteiros! Peço-vos que tomeis uma decisão solene: existem diferenças entre os povos do mundo, quer no sentir, quer no pensar, tal como na linguagem e no aspecto físico. Este Jambori ensina-nos que, se houver muita tolerância no dar e no receber, então haverá harmonia. Se este for o vosso desejo, vamos para a frente, completamente resolvidos a desenvolver a camaradagem através do espírito escotista, de modo que possamos ajudar a estabelecer a paz e a felicidade no mundo e a boa vontade entre os homens». Vamos todos dedicar-nos a esse propósito de compreensão. Boa sorte e bom campismo! Faço eco da parte final da mensagem de Lady *Baden-Powell que, há duas semanas, me pediu que vos transmitisse as suas felicitações e vos dissesse quanta pena tinha de não lhe ser possível visitar-vos. Que Deus esteja convosco em todas as vossas tarefas nos dias que se seguem».*

O encerramento da grande reunião

Manuel Rodrigues, visìvelmente saudoso do acampamento mundial, não quer deixar de fazer uma referência embora curta, aos derradeiros momentos do XIII Jambori e diz-nos:

— No último dia, uma grande multidão de estudantes, de Jobitos e de povo, vinda das mais diversas regiões do Japão, começou a convergir para a arena a partir do meio-dia. Vinham assistir à grande cerimónia de encerramento. Eram cerca das 18 horas, quando os contingentes de cada país principiaram a formar naquele local, exactamente uma hora antes do início da cerimónia. Sinceramente devo confessar que tenho grande dificuldade em contar o que foi esse acontecimento. Foi uma coisa maravilhosa! Nada mais sei dizer. Acredite: não sou mesmo capaz de descrever!... Hoje, quando penso nos pesados sacrifícios que fiz, durante anos, para poder estar presente no Jambori pergunto se isso valeu a pena. Mas só tenho uma resposta: sim! valeu a pena! sinto-me feliz!

Ainda a propósito do Jambori, Manuel Rodrigues dá uma informação:

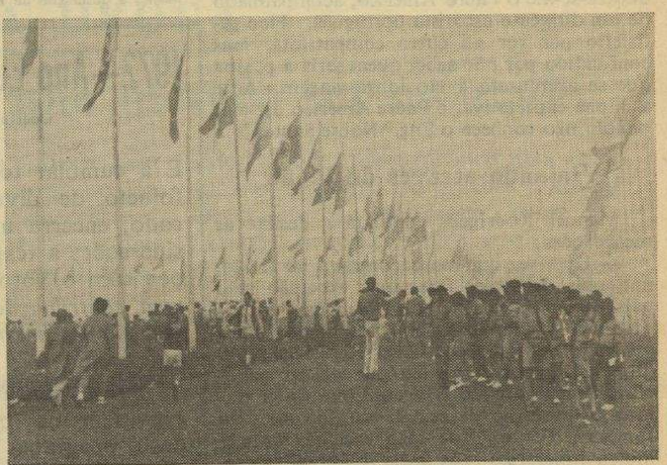


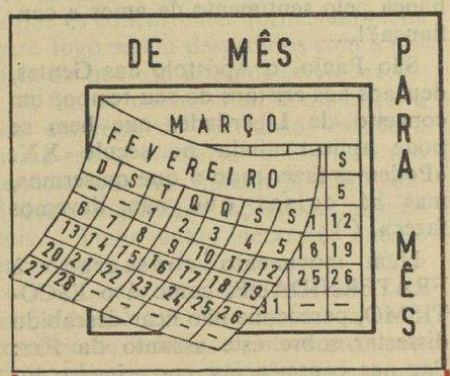
Imagem caracteristicamente escotista: um aspecto do Jambori do Japão. Escoteiros, visitantes e bandeiras dos países presentes.

— Já agora registe um dado estatístico importante deste grande acampamento: o número de participantes foi de 23 620 escoteiros e foram 89 os países representados.

A conferência mundial de escotismo

O nosso estimado amigo continua a falar-nos do que viu na viagem que empreendeu. Agora que acabou de se referir ao Jambori, começa a dar as suas impressões sobre outro importante acontecimento:

(Continua na página 11)



VIDA NOVA?



O início de um Ano Novo é sempre uma alvorada de esperança, revoada de promessas, que se traduzem em votos de Ano Bom e desejos de Vida Nova. Um bebé gordinho, representa o ano que chega, símbolo da vida que renasce.

Mas logo que o ano começa a sua cavalgada através dos dias, das semanas e dos meses, os votos são esquecidos e raras vezes se manifestam em firme determinação de realizar os sonhos, de cumprir as promessas e, geralmente, a vida continua com a mesma monotonia, repetindo-se os mesmos erros, as mesmas negligências.

Nos Escoteiros de Portugal, ao terminar o ano de 1971, surgiu também uma ténue luz de esperança. A Chefia-Geral tomou a iniciativa de ouvir pareceres de dirigentes escoteiros acerca do caminho por que o Movimento vai enveredar no Ano Novo. Neste momento já a Chefia-Geral dispõe destes informes e está agora esclarecida a fim de tomar as suas próprias decisões e assumir a posição que dela ansiosamente se espera.

Como Escoteiros, estamos certos de que vamos dar cumprimento às promessas feitas e vamos realmente ter Vida Nova. A Chefia-Geral vai certamente dar início a um interessante plano de actividades e realizar na Associação aquilo que o Guia é na Patrulha: fonte de iniciativas, de novas e constantes ideias, cheias de interesse e capazes de empolgar os rapazes.

Esta é mais uma promessa de Vida Nova.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00